Aspectos teóricos e pedagógicos sobre a produção oral no processo de ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Silvana Salino Ramos Lopes
(Universidade Estadual de Londrina)

INTRODUÇÃO

O interesse por desenvolver um trabalho que tenha por meta o estudo da habilidade de produção oral tem como fonte de inspiração o constante desejo, manifestado pelos alunos, de falar bem o espanhol. Nesta comunicação apresentam-se alguns aspectos teóricos e pedagógicos da produção oral no processo de ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (ELE).

Segundo afirma Baralo (2000: 6), «para um aluno de ELE, a aquisição da habilidade de comunicar-se oralmente é o objetivo mais importante de seu esforço»[1]. Entende-se que a comunicação é um processo resultante da interação com outras pessoas, entretanto, conforme argumenta Littlewood (1994: 19), a língua não só permite a comunicação com outras pessoas, como afeta o modo como as pessoas entendem ou reagem sobre o mundo que está a sua volta. Além da fala, na comunicação oral, estão inclusos outros elementos, tais como «a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros» (Marcuschi, 2001: 17), os quais complementam a compreensão do ouvinte. Esse conceito também é afirmado por Mello (1990: 91) quando diz que:

> [...] o campo da comunicação oral [...] insere-se no universo dos comportamentos de comunicação, sendo, ao mesmo tempo, o mais sofisticado deles, pois inclui não só o comportamento verbal, mas toda sorte de fenômenos não-verbais, como a mímica, olhares, sorrisos, gestos, variações tônico -posturais e, principalmente, sons, dentre os quais, os mais importantes, produzidos com a respiração e a voz.

A fala, segundo Amorim (1972: 29) «é a produção dos fonemas com articulação na palavra» e o autor ainda salienta que «não se deve confundir a fala com a voz, nem com a linguagem; a voz é simplesmente a sonoridade [...] a fala é a voz articulada [...] e a linguagem oral é a transmissão de conceitos através da voz e da fala. No desenvolvimento da conversação, a fala não é planejada, ou seja, acontece no momento da interação, é portanto, local, dependente do interlocutor e da

[1] Para un estudiante de ELE, la adquisición de la habilidad para comunicarse oralmente es el objetivo más importante de su esfuerzo.

reação deste quanto à mensagem recebida. Portanto, na interação com outros aprendizes o aluno pode praticar a produção oral (PO) em sala de aula.

Para entender-se o processo da fala, tomou-se como base o estudo de Scliar-Cabral (1991: 99), que esclarece que em uma situação de PO natural e espontânea, um diálogo, por exemplo, no qual o conhecimento é compartilhado,

> [...] há esquemas de ordem pragmática e outros conhecimentos que o emissor deve imediatamente acionar, como pré-requisitos para planejar o que vai dizer. Impelido por uma motivação, o emissor tem uma determinada intenção, seja a de esclarecer, a de persuadir, a de pedir, a de ordenar, a de buscar informação, a de divertir, a de se confessar, a de se afirmar etc.: para ser eficiente no seu propósito, cooperará [...] implicitamente com seu interlocutor [...]

Existe, no processamento da fala, não apenas o processo articulatório dos sons para a emissão da mensagem em um dado momento e a compreensão pelo interlocutor, mas também esquemas ou fases. Conforme argumenta Cantero (1998: 147-148), essas fases são as seguintes:

a) motivo: o falante precisa de um motivo para falar, que pode ser psicológico ou social;
b) estágio semântico: o falante sabe que informação quer compartilhar;
c) estágio funcional: o falante formula o pensamento;
d) estágio pragmático: o falante efetiva o discurso.

Embora o processamento mental seja rápido, o falante, às vezes, tem uma certa dificuldade para transmitir seu pensamento. No caso de elaborar enunciados em uma língua estrangeira (LE), a falta de conhecimento lingüístico também pode dificultar mais a PO, ou seja, o aprendiz tem um motivo para falar, sabe o que quer informar, mas não possui os instrumentos adequados para dar significado, na LE, ao que quer dizer, conseqüentemente, a verbalização do discurso pode não acontecer de modo satisfatório.

Outra dificuldade é que, além do conhecimento lingüístico, o falante deve também adaptar-se ao contexto da conversa e ao conhecimento do interlocutor. O complexo processo da PO é resumido por Scliar-Cabral (1991: 102-103) da seguinte forma:

> [...] quando produzimos uma mensagem, temos uma motivação que nos leva a uma intenção de influir de algum modo sobre o interlocutor. Para que nosso intento seja coroado de êxito, realizamos uma série de escolhas antes de organizar lingüisticamente os conteúdos que desejamos transmitir, determinadas pela condição de nosso interlocutor (adequação social), pelo meio empregado para transmitir a mensagem (função social), pela situação onde nos encontramos e pelo assunto abordado. Em conseqüência, acionamos uma série de conhecimentos internalizados, dentre os quais avultam os que supomos tenha o nosso interlocutor, para balancear a informação velha e a nova.

No caso de uma situação de monólogo ou fala rígida[2], como um discurso parlamentar ou judiciário, por exemplo, o processo é diferente, já que não se pode interferir na PO do falante, como em um diálogo, onde há a troca de turnos.

É importante esclarecer que há usos de nomenclaturas diferentes entre os vários autores que escrevem sobre PO. Alguns se referem ao ato de falar uma LE como «produção oral»; outros, como «expressão oral»; alguns, ainda, como «interação oral». Também há um uso diferenciado dessas nomenclaturas nos próprios LDs: ora as atividades são propostas como «produção oral» e ora como «expressão oral». É relevante, então, entender o porquê do uso dessas nomenclaturas divergentes e esclarecer o perfil de cada uma delas, o que será feito a seguir.

No quadro seguinte, serão apresentadas as definições de PO de alguns autores, assim como as classificações para as atividades práticas dessa habilidade:

Autor	*Definição*
Baralo (2000: 11)	A expressão oral envolve além da articulação sucessiva dos fonemas, elementos prosódicos, paralingüísticos e extralingüísticos.
Moreno Fernández (2002: 10, 11)	A produção oral faz referência aos mecanismos psicolingüísticos e sensório-motores que a tornam possível. A expressão oral é a habilidade de fazer uso adequado da língua em situações públicas. A interação oral é o uso da linguagem oral em contexto[3].
Scliar-Cabral (1991: 98)	A produção oral implica desde a intenção de emitir uma mensagem até o momento no qual se colocam os músculos do aparelho fonador em uso para transformar os conteúdos presentes na consciência em mensagens.

Quadro 1 – Definições de PO

Em resumo, para os autores antes mencionados, a PO é muito mais do que exteriorização de uma idéia, começando na intenção, no motivo que leva uma pessoa a falar.

No processo de aprendizagem de uma LE, cada indivíduo tem uma forma de aprender: uns assimilam os conteúdos mais rapidamente que outros, cometendo menos erros; outros, ao contrário, são mais lentos e cometem muitos erros, o que se deve à variação individual. As causas dessa variação podem ser fatores de tipo psicológico, sociológico, estilo cognitivo, personalidade, tendência maior ou menor de aceitação da norma, etc. Ravera Carreño fala de outro tipo de variação, a variação contextual, que é a que mostra que o mesmo aluno em contextos diferentes pode ter um comportamento diferenciado em relação à pessoa a quem se

2 Segundo a classificação de Moreno Fernández (2002: 29 -30) este seria um ato de fala não espontânea.

3 O autor define contexto como uma situação de aquisição e aprendizagem da língua.

dirija, como por exemplo, ao falar com um professor, pode sentir-se mais inibido e errar mais, já com um colega de sala, a comunicação pode ser mais fluída. Portanto, a qualidade da PO do aprendiz depende não só do seu conhecimento lingüístico e de sua aptidão pessoal, mas também do tipo de interação e do contexto no qual o aluno se encontra.

Neste trabalho, optou-se por utilizar o termo 'produção oral' para fazer referência a tudo o que envolve o ato de falar em LE. A partir das opiniões dos autores citados, expõe -se o ponto de vista que se assume nesta pesquisa para delimitação de uma nomenclatura. Assim, considera-se que:

1.º	o termo 'produção oral' (PO) é usado para fazer referência à manifestação da linguagem oral, isto é, o processo lingüístico e fônico, o ato de falar, seja em atividades de fala espontânea ou não;
2.º	o termo 'expressão oral' (EO) é usado para fazer referência à manifestação espontânea do aprendiz de LE, ou seja, atividades ou situações em que o aluno possa exteriorizar não só seu conhecimento lingüístico, mas também seu conhecimento cultural, contextual e pragmático, por meio do processo de interação com o p rofessor e com os colegas;
3.º	o termo 'interação oral' (IO) é usado para fazer referência à situação em que o aluno se expressa de forma espontânea, em uma situação de interação aluno/aluno, aluno/professor, aluno/professor/alunos.

Quadro 2 – Delimitação de nomenclatura para PO, EO e IO

Parece que a PO é a habilidade mais desejada pela maior parte dos aprendizes de LE, portanto é evidente que merece atenção cuidadosa por parte do professor, já que no processo de aprendizagem da PO estão envolvidos o aluno, com sua participação e motivação, e o professor, com o entendimento, a escolha, a elaboração e a aplicação de atividades que fomentem a concretização dessa meta.

1. COMO DEVEM SER AS ATIVIDADES DE PO

Para que os aprendizes de LE possam expressar-se na língua que aprendem, é preciso, conforme observa Nauta (1987: 83-85), que se cumpram pelo menos duas condições:

a) condições de processo;
b) condições de reciprocidade.

Com relação à condição de processo, Nauta (1987) afirma que a pessoa que escreve dispõe de mais tempo do que a que fala. Na escrita, pode-se pensar antes de escrever. Na fala não se pode parar para pensar antes de responder. À medida que a fala vai sendo construída, pode-se mudar o raciocínio, alterar o rumo da fala, mas não se podem abrir pausas imensas e freqüentes no meio do processo.

Com relação às condições de reciprocidade, o autor explica que, para que a comunicação se processe, deve-se evidenciar o objetivo, de modo que o ouvinte demonstre se compreende ou não o que ouviu. Também é importante saber como introduzir o tema, saber tomar turnos, deixar ou impedir que se roube o turno. Nauta (1987) recomenda, no contexto de ensino de línguas, que:

a) as amostras de língua oferecidas aos alunos sejam reais;
b) que haja ênfase na aprendizagem de estratégias de comunicação;
c) que haja cuidado na escolha de atividades de produção oral, para que não sejam atividades práticas de elementos isolados.

Essas recomendações são válidas, já que contribuem para que o aprendiz desenvolva sua capacidade de PO.

Na interação oral (IO), a importância não reside na forma e no estilo, mas no significado, no conteúdo. Portanto, as atividades a serem propostas aos alunos devem (Giovannini et ál, 1999: 61-62):

a) ser significativas: o aluno deve falar acerca de coisas que façam sentido para ele;
b) ser abertas: o aluno deve dizer o que quiser, espontaneamente;
c) incluir um *feedback* significativo: a correção deve estar relacionada ao conteúdo e não à forma.

Para a realização de qualquer atividade de EO, Gelabert, Bueso e Benítez (2002: 39-40) sugerem um esquema de trabalho composto por cinco fases:

1. pré-atividade: estão inseridas, nesta fase, atividades de motivação, de conhecimento do tema, de gramática e de vocabulário e as atividades de hipóteses acerca do tema;
2. esclarecimento do objetivo e procedimentos para realização;
3. desenvolvimento;
4. avaliação;
5. pós-atividade: nesta fase, pode haver dedução ou prática das regras gramaticais, prática de vocabulário, jogos, ou exercícios que estabeleçam laços com o utras habilidades lingüísticas.

1.1. Tipos de atividades de PO

Quanto aos tipos de atividades de PO, evidenciam-se as opiniões de três autores que as classificam segundo os objetivos que as regem:

Autor	Classificação de Atividades
Moreno Fernández (2002: 29, 30)	**1. Fala espontânea:** presente na conversação ou monólogo; **2. Fala não-espontânea:** presente ao recitar ou ao anunciar o que está escrito.

Autor	Classificação de Atividades
Ravera Carreño (1990: 22)	**1. Atividades de expressão natural:** manifestam o desenvolvimento interlingual de forma espontânea em um contexto comunicativo. Esse tipo de expressão desempenha três papéis: a) facilita a compreensão do *input*; b) ajuda o desenvolvimento interlingual; c) gera possibilidades ao aluno de desenvolver habilidades comunicativas e expressivas, permitidas pelos seus recursos lingüísticos. **2. Atividades de produção formal:** fomentam a prática de estruturas e formas da língua.
Sánchez (1997: 42)	**1. Atividades de prática controlada:** o professor propõe a atividade e a linguagem necessária para sua realização; **2. Atividades de prática livre:** as situações, ainda que controladas pelo professor, permitem que os alunos escolham os recursos lingüísticos que utilizarão.

Quadro 3 – Classificação das atividades de PO

Embora a nomenclatura utilizada pelos autores seja variada, o aprendiz realiza a PO de duas formas: uma com liberdade para expressar suas idéias e sentimentos, sem preocupar-se com a forma da língua e, outra, com a liberdade um pouco cerceada, ao falar reproduzindo estruturas. Entretanto, as duas práticas são necessárias, pois:

> Todo ato de comunicação está baseado na expectativa mútua de cooperação entre o falante e o ouvinte. O falante se compromete de forma implícita a que a informação que vai pronunciar seja relevante, isto é, que ainda não seja conhecida e que esteja relacionada com algo que o ouvinte considera que vale a pena fazer um esforço mental de inferência para obter conclusões. O ouvinte espera que o falante se expresse de forma clara, relevante, veraz, não ambígua, breve e ordenada ao transmitir informação[4] (Baralo, 2000: 9) (tradução nossa).

Para essa autora, o aluno de LE estará de acordo com o exposto se o que disser for relevante, se sua construção refletir seu ânimo de cooperação e não somente a vontade de construir frases corretas. Ao elencar os tipos de atividades de PO, os autores pesquisados agrupam as atividades conforme o objetivo de realização de cada atividade.

Para exemplificação desses tipos, optou-se pela sugestão de Ravera Carreño (1990: 23-38), a qual afirma existirem dois tipos de atividades muito diferentes a serem desenvolvidas na sala de aula para desenvolver a PO:

---

[4] Todo acto de comunicación está basado en la expectativa mutua de cooperación entre el hablante y el oyente. El hablante se compromete de forma implícita a que la información que va a proporcionar sea relevante, esto es, que todavía no sea conocida y que está relacionada con algo que el oyente considera que merece la pena hacer un esfuerzo mental de inferencia para obtener conclusiones. El oyente espera que el hablante se exprese de forma clara, relevante, veraz, no ambigua, breve y ordenada al transmitir información.

1) Atividades de expressão natural

a) entrevistas;
b) diálogos abertos;
c) representações;
d) jogos em que os alunos desempenham papéis diferentes;
e) jogos com informações compartilhadas;
f) soluções de problemas;
g) simulações;
h) criação de exercícios de compreensão oral (CO) para a turma;
i) debates;
j) apresentações públicas.

2) Atividades de produção formal

a) exercícios de memorização;
b) exercícios de prática mecânica;
c) exercícios de prática explícita de alguma regra gramatical;
d) exercícios que visem a forma.

2. IO, CO E PO

Na realização de atividades de PO, espera-se que o aluno possa exteriorizar o conhecimento armazenado em condições de interação em sala de aula, para que se sinta preparado para as situações da vida real. Para isso, o aluno de LE deve engajar-se no processo de aprendizagem, não como ser passivo, mas atuante, responsável e consciente de suas responsabilidades como aprendiz, no que se refere à participação nas atividades propostas. Entretanto, sabe-se que o aluno não chegará a isso sozinho, pois o sistema de ensino e a evolução metodológica atribuem ao professor vários papéis, colocando-o como co-responsável e também como modelo.

Atualmente, existe uma maior preocupação com o aluno, ele é o centro da aprendizagem e o professor não é visto mais como o detentor do conhecimento. Assim sendo, o professor procura proporcionar condições de interação, de modo que os alunos tenham mais elementos para construir o conhecimento em LE. Ao se tornarem participantes, os alunos se sentirão responsáveis pela aprendizagem. Segundo Antunes (2002: 25):

> [...] A aula deve sempre situar-se como uma proposição de problemas, indagações curiosas, contextualizações surpreendentes, sugestões de desafios, estímulos às deduções construídas sobre pistas oferecidas e nunca como a simples passagem de informações.

Nas atividades de PO de LE há um ponto fundamental que é a interação. Segundo Leffa (2003: 2), a interação pode ocorrer em três planos diferentes:

> O processo de interação é portanto, um aspecto fundamental da aprendizagem. Envolve sempre algum tipo de negociação, que pode ocorrer em três planos diferentes: (1) entre as fontes de conhecimento de uma pessoa como, por exemplo, entre o conhecimento que posso ter de um determinado tópico de leitura e meu domínio do léxico da língua; (2) entre uma pessoa e outra como, por exemplo, entre dois alunos na tentativa de interpretar um poema; (3) entre uma pessoa e um objeto como acontece, por exemplo, num jogo de computador, onde, por simulação, o usuário pode jogar uma partida de xadrez, construir um império ou administrar uma empresa.

Infere-se que, além da interação que ocorre em sala de aula, o profess or deve, em aulas de ELE, proporcionar atividades nas quais os alunos interajam não só com o conteúdo, mas também com os outros alunos, já que se trata de um contexto[5] institucional, porque é na sala de aula que:

> [...] alunos e professores constróem uma dinâmica própria, marcada pelo conjunto das ações do professor, pelo conjunto das ações dos alunos, pelo conjunto das ações e reações dos alunos entre si, cada um interpretando e reinterpretando os atos próprios e os dos outros (Cajal, 2001: 128).

Entende-se que «a aprendizagem é vista como fruto de um trabalho integrado, no qual o conhecimento é construído interacionalmente por meio do uso da linguagem» (Fabrício, 1999: 217), por isso, os alunos devem participar de atividades que propiciem situações nas quais possam manifestar opiniões uns para os outros, para que através da construção do discurso e das relações de interação possam fazer uso da LE de forma a comunicar-se, pois, caso não haja oportunidades desse tipo, a aprendizagem se inviabiliza (Fabrício, 1999: 218).

Nem todos os grupos de alunos possuem as mesmas características interativas, ou seja, embora o ambiente físico seja semelhante, os alunos possuem personalidades diferentes e isso interfere na interação e é no contato face a face que a interação se estabelece não só do ponto de vista do compartilhar o uso da estrutura lingüística, mas também dos modos de fala.

A interação acontece através da compreensão oral e da PO (e escrita também), já que as reações do interlocutor são manifestações de interação. Cabe ao professor, de acordo com o currículo, a instituição e o livro didático usado, encarar as novas tendências de ensino e fazer de suas aulas momentos de aprendizagem real para seus alunos.

---

5 Entende-se por contexto a definição usada por Cajal (2001: 127): «[...] um contexto caracteriza-se por ser dinâmico, pois fazem parte dele não só o ambiente material, o espaço físico, mas também as p essoas, o que elas estão fazendo naquele momento (F. Erickson y J. Schultz, 1977, p. 6), suas expectativas e intenções».

BIBLIOGRAFÍA

Amorim, A., 1972, *Fonoaudiologia geral,* São Paulo, Pioneira.

Antunes, C., 2002, *Vygotsky, quem diria?! Em minha sala de aula*, Petrópolis, Vozes.

Baralo, Marta, 2000, «El desarrollo de la expresión oral en el aula de ELE», *Carabela,* 47: 5-36.

Cajal, I. B., 2001, «A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos?», en: M. I. P. Cox y A. A. Assis Peterson (org.), *Cenas da sala de aula,* Campinas, Mercado de Letras, pp. 125-159.

Cantero, F. J., 1998, «Conceptos clave en lengua oral», en: A. Mendoza Fillola (Coord.), *Conceptos clave de la lengua y la literatura,* Barcelona, SEDLL/ICE, pp. 141-153.

Fabrício, B. F., 1999, «Interação e construção do conhecimento na sala de aula de língua estrangeira», *Intercâmbio,* 8: 217-224.

Gelabert, M.ª J., Bueso, I., y Benítez Pérez, P., 2002, *Producción de materiales para la enseñanza de español,* Madrid, Arco/Libros**.**

Giovannini, Arno, et ál, 1996, *Profesor en acción III,* Madrid, Edelsa.

Leffa, V. J., (org.), 2003, *A interação na aprendizagem das línguas,* Pelotas, EDUCAT.

Littlewood, W., 1994, *La enseñanza de la comunicación oral: un marco metodológico*, Barcelona, Paidos.

Marcuschi, L. A., 2001, *Da fala para a escrita: atividades de retextualização,* São Paulo, Cortez.

Mello, E. B. S., 1990, *Voz falada: estudo, avaliação, tratamento*, São Paulo, Atheneu.

Moreno Fernández, Francisco, 2000, *Qué español enseñar,* Madrid, Arco/Libros.

— 2002, *Producción, expresión e interacción oral,* Madrid, Arco/Libros.

Nauta, J. P., 1987, «Lengua hablada y producción oral», *Jornada de didáctica del español como lengua extranjera,* Madrid, Ministerio de Cultura, pp. 81-86.

Ravera Carreño, M., 1990, «La expresión oral: teoría, tendencias y actividades», en P. E. Bello et ál, *Didácticas de las segundas lenguas,* Madrid, Santillana, pp. 13-42.

Sánchez, B., 1997, «De la comprensión auditiva a la expresión oral», *Cuadernos Cervantes de la Lengua Española,* 15: 38-42.

Scliar-Cabral, L., 1991, *Introdução à psicolinguística,* São Paulo, Ática.